

7 **Apresentação**

9 **O Autor**

10 **Do Castelo de São Jorge ao Intendente**
Pela Mouraria

34 **Do Marquês de Pombal ao Cais do Sodré**
Pelo Chiado

60 **Da Torre de Belém ao Museu da Eletricidade**
Pelos Jerónimos

82 **Da Ribeira das Naus ao Parque das Nações**
Por Xabregas

108 **Do Parque Mayer ao Rossio**
Por Santana

128 **Do Museu de Arte Antiga a São Paulo**
Pela Lapa

148 **Do Chafariz D'El Rei à Senhora do Monte**
Pela Graça

172 **Informações**
Contactos úteis



41

Tudo começou quando tinha cerca de 10, 11 anos, e o meu irmão Guito e a minha prima Dedé me deixaram em Belém, dizendo-me que tinha de descobrir como voltar para casa. Estava no Restelo e a nossa casa ficava no outro lado da cidade. À minha frente abria-se uma metrópole de ruas labirínticas, velhas como a história. A curiosidade foi mais forte do que o efeito que sobre mim provocava o receio de me perder. A partir daí, não mais parei. Prometi a mim mesmo que havia de conhecer todas aquelas ruas, cada beco da cidade, igreja, convento, museu, palácio, enfim, o mundo. Munido de um mapa rudimentar, no qual vinha indicada a localização dos principais monumentos e museus da cidade, fui sistemático, riscando ou sublinhando nesse papel os sítios que já conhecia. De forma mais científica ainda, algum tempo depois, juntamente com o meu amigo Celso Mangucci, comecei a fazer passeios que tinham hora, dia e sítio marcados. Começavam sempre na Praça do Comércio, às 9 horas da manhã, aos domingos. Chamávamos-lhes, por brincadeira, Passeios de Domingo. Mal sabia que, mais tarde, em finais dos anos 80 do século passado, iria começar a participar, de facto, nos verdadeiros Passeios de Domingo, com a equipa do Centro Nacional de Cultura que, ainda hoje, com muito orgulho, continuo a guiar. Mas aqui as coisas já se tinham tornado muito sérias.

As digressões por Lisboa possibilitaram-me fazer um inventário sistemático dos museus que ia vendo e, quando já os tinha visitado a todos, comecei a tentar ver outras coisas, algumas menos acessíveis e menos óbvias. Havia uma curiosidade que fomentava tentar ver o que nunca tinha visto antes. E comportar-me como se fosse estrangeiro na minha terra. Ou seja, visitar aqueles lugares que nós nunca visitamos porque estamos cá, visitá-los como se estivesse em Paris ou em Roma, com aquela ideia de as coisas não nos poderem escapar por podermos não voltar lá.

Com o correr dos anos, estas visitas tornaram-se mais detalhadas e, à medida que foram realizadas, aumentaram o nível de curiosidade, levando-me a lugares de uma beleza inusitada. Lisboa e Roma têm um mesmo sentido delicioso das cidades muito orgânicas, em que, após uma esquina, há sempre uma surpresa por descobrir. As cidades orgânicas são também um

compósito de camadas sucessivas de História, uma sobreposição de ocupações, as mais diferentes no tempo e no espaço, com milénios de História. Lisboa agrada-me muito por causa de tudo isto.

Para mim, todas as cidades do mundo são as minhas cidades, mas em Lisboa acontece que cada esquina tem um pouco da minha vida. A cidade foi-se adensando com a vivência diária, com as vidas que aí tive. Sei que, se me acontecer algum imprevisto, há pessoas amigas por perto, um porto seguro.

Os sete percursos que aqui sugiro ao caminhante resultam dessa experiência feita de afetos, de memórias, de histórias que se cruzaram e cruzam na minha vida. Por isso, têm carácter bastante distinto. Uns perfazem os caminhos óbvios do natural desenvolvimento da cidade, outros são apostas pessoais que me dão prazer quando levo alguém a descobrir. No primeiro caso, estão os percursos que vão do Castelo ao Intendente, onde tudo começou, e depois os caminhos que a cidade foi estendendo a partir daí, como aqueles que se dirigem para norte da Baixa até ao Marquês de Pombal, para ocidente até Belém e para oriente até ao Parque das Nações. Os outros, os mais pessoais, cruzam-se muitas vezes com os anteriores, mas levam-nos a sítios que não podemos deixar de conhecer. Aquele que vai da Avenida da Liberdade ao Rossio sobe a colina de Santana e tem como denominador comum referências a Itália. O do Museu de Arte Antiga a São Paulo é mais artístico, com passagem pela zona mais elitista da cidade. Finalmente, um feito de alusões históricas, desde a zona mais baixa da cidade, junto ao Chafariz D'El Rei, até às partes mais altas da mesma, a Senhora do Monte. Há, no entanto, algo que une todos os percursos: as histórias que nos contam as ruas e as personagens que nelas vivem. É feito dessas histórias o guia que aqui se apresenta.



Anísio Franco é Historiador de Arte e conservador no Museu Nacional de Arte Antiga. Tem desenvolvido vários estudos no campo da história da arte em Portugal e comissariou várias exposições de arte em Portugal e no estrangeiro. Paralelamente tem guiado inúmeras visitas de teor cultural, pela cidade de Lisboa, pelo país e pelo mundo desde, pelo menos, 1988.

Da sua multifacetada carreira destaca-se ainda a participação em programas televisivos no âmbito da história da arte portuguesa, bem como a participação em filmes, documentários e séries. Publicou *Histórias de Antiguidades*, uma coletânea de crónicas que sintetizam a visão que tem sobre a forma de ver o mundo e a arte. Recentemente encontrámo-lo como personagem real (com o seu próprio nome) no romance de Valter Hugo Mãe, *A Máquina de Fazer Espanhóis*.



- 1 Castelo de São Jorge
- 2 Largo de Santa Cruz do Castelo
- 3 Rua do Recolhimento
- 4 Chão da Feira
- 5 Rua de Bartolomeu de Gusmão
- 6 Igreja de Santiago
- 7 Miradouro de Santa Luzia
- 8 Rua do Limoeiro
- 9 Largo de São Martinho
- 10 Museu do Teatro Romano
- 11 Museu do Aljube
- 12 Sé de Lisboa
- 13 Igreja de Santo António
- 14 Calçada do Correio Velho
- 15 Rua de São Mamede
- 16 Largo do Caldas/ de Adelino Amaro da Costa
- 17 Rua do Regedor
- 18 Igreja de São Cristóvão
- 19 Casa da Achada
- 20 Rua das Farinhas
- 21 Rua do Marquês de Ponte de Lima
- 22 Escadinhas da Saúde
- 23 Praça do Martim Moniz
- 24 Rua da Palma
- 25 Arquivo Fotográfico de Lisboa
- 26 Largo do Intendente

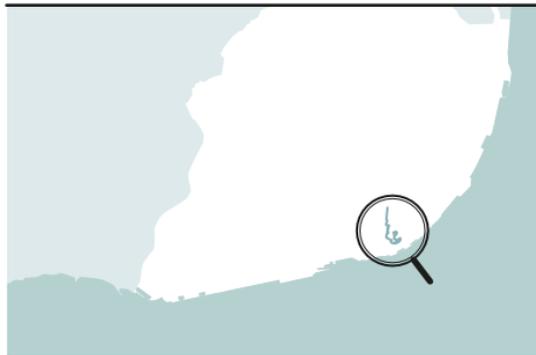


- 1 Chapitô à mesa
- 2 Tentações de Goa
- 3 Cervejaria Ramiro

DO CASTELO DE SÃO JORGE AO INTENDENTE

PELA MOURARIA

É aqui, no alto da colina de São Jorge, que tudo terá começado. Só depois a cidade se foi derramando e alastrando pelos outros outeiros. Passear pelas ruas que descem do Castelo até à Baixa é como mergulhar em séculos de história. Esta é a mais nobre parte da cidade, com a sua coroa de defesa do castelo, mas também com as suas margens onde as comunidades extra-europeias ainda vivem. A dificuldade será escolher. Por onde ir, que ruas percorrer, que becos descobrir? Nesta caminhada tentaremos sugerir algumas pistas, sabendo que ficará muito por desvendar.



≈≈≈ aprox. 3 km

M/ média



VISTA DE LISBOA DESDE A PRAÇA DE ARMAS DO CASTELO DE SÃO JORGE

De elétrico, elevador, táxi, *tuk-tuk* ou em qualquer outro transporte público, deveremos alcançar o **Castelo de São Jorge**¹. Lá chegados, depois das formalidades da entrada, podemos dirigir-nos à varanda, ou adarve, da fortaleza. Aqui teremos a mais rasgada vista de toda a cidade. Deslumbrante e suave, a cidade vai-se estendendo, sem grandes acidentes monumentais, ao longo das colinas, como se de ondas de casario se tratasse. Aqui e ali, uma cúpula de uma basílica, o frontão de uma igreja e lá muito ao longe o recorte de um grande palácio, a ponte e o Cristo Rei. Todos estes elementos poderão ser identificados numa espécie de mesa com um painel de azulejos, pintados por Fred Kradolfer, que aqui foi colocado em 1963. Voltemo-nos para trás. O castelo de São Jorge lembra-nos uma fortaleza da Reconquista e das Cruzadas, cuja origem se perde no tempo. A sua localização estratégica terá sido determinante para aqui se ter estabelecido um povoado pré-histórico. Também por aqui passaram celtas, gregos, fenícios e cartagineses,



e do período visigótico subsistem algumas pedras encravadas nas paredes da muralha. Foi durante o período em que os Árabes ocuparam a Península que a alcáçova ganhou dimensão quase idêntica à atual, estendendo o seu muro protetor até ao rio, mesmo antes do século X.

Em 1147, cruzados ingleses, normandos, flamengos e alemães, quando se dirigiam para a Terra Santa, auxiliaram D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, na conquista da cidade. Rebatizaram a alcáçova de *Lissabona* com o nome de São Jorge, de quem eles eram devotos (São Jorge ficou sempre o santo do castelo, sendo, de resto, um santo muito venerado nas Igrejas Católica Romana, Ortodoxa e Anglicana e o santo padroeiro de vários países da Europa).

Durante a Idade Média, o rei vivia no castelo sempre que se encontrava em Lisboa. No início do século XVI, D. Manuel I decidiu abandonar o castelo para passar a residir junto ao rio, na zona que passou a chamar-se Terreiro do Paço, onde aportavam os navios com

exóticos espécimes trazidos do Oriente. No castelo, voltou apenas a residir o Rei D. Sebastião.

No período filipino, quando Portugal estava sob domínio espanhol, foi a rendição da sua guarnição que determinou a Restauração da Independência do país, em 1640. As muralhas foram depois perdendo gradualmente a sua dignidade e foi já no século XX, na década de 40, que uma intervenção de restauro lhe deu a atual feição medieval.

Recentemente, foram criados dois núcleos museológicos, onde se podem observar vestígios arqueológicos deste longo passado, desde a Idade do Ferro, à época romana, bem como as ruínas de um antigo bairro islâmico e de um palácio nobre do século XV. Todos os dias há visitas guiadas com hora marcada, uma às 12h e outra às 16h. Valerá a pena, com toda a certeza. Mas nós não temos muito tempo, pois uma Lisboa cheia de mistérios aguarda-nos colina abaixo.

Percorramos as ruas do **Bairro de Santa Cruz**, ainda dentro do castelejo. Saindo pela porta que fica em frente



PORTA DO CASTELO COM O CHÃO DA FEIRA

ao terreiro do grande miradouro, parece que estamos noutra cidade, bem diferente de todos os outros bairros. É como uma aldeia, com a sua igreja paroquial e ruas estreitas com nomes intrigantes. Poderá avançar pela **Rua de Santa Cruz do Castelo**, virar à esquerda pela do Espírito Santo e ao fundo, à direita, pela das Flores até chegar, finalmente, ao **Largo de Santa Cruz do Castelo**². A igreja foi fundada no século XII, mas ficou muito mal tratada durante o terramoto de 1755, tendo sido reconstruída pelo arquiteto João Paulo. É raro a igreja estar aberta, mas se, por acaso, conseguir entrar, vai encontrar um espaço acolhedor, com bons retábulos e imaginária, com as paredes marmoreadas a amarelo, cheio de pequenos tesouros. Repare na pintura representando o *Bom Samaritano*, que deverá ser de um italiano do círculo de Mattia Preti. Saindo deste largo, pelo **Beco do Recolhimento**, depois de fazer um cotovelo, vá pela rua do mesmo nome, e no n.º 20, entre no portão de grade de ferro cinzenta e terá acesso a um belíssimo miradouro recentemente arranjado pelo arquiteto paisagista José Eduardo Luís. Que beleza! Parece que estamos no Mediterrâneo. À frente, estende-se o Mar da Palha e ao nosso lado a Torre do Palácio Belmonte. Embora surja essa vontade, não podemos ficar aqui para sempre. Temos de seguir viagem. Volte à **Rua do Recolhimento**³. Mais à frente estará no mesmo sítio por onde começou esta aventura, a Praça de Armas. Saia agora do castelo, pelo grande pórtico onde verá o santo protetor e depois, do lado de fora, um arco triunfal de gosto protobarroco, mas ali colocado com fragmentos de pedras antigas no ano de 1846. Está no **Chão da Feira**⁴. Diz-se que foi aqui a primeira Feira da Ladra e que terá sido fundada no ano de 1272 [ver caixa].

A mais antiga feira de Lisboa

Nascida no século XIII, junto às muralhas do castelo, a Feira da Ladra percorreu vários espaços em Lisboa até se fixar no espaço que ocupa hoje, às terças e sábados. Aqui passou para o Rossio, onde é referida na documentação, no ano de 1552. Terá passado pela Ribeira, onde, segundo alguns autores, ganhou o nome de Feira da Lada e, por corruptela da palavra, terá ganho a atual designação. Do Rossio transitou, depois do terramoto, para a Praça da Alegria, conhecida à época por Cotovia de Baixo, da qual ficou registo icónico na pintura de Nicolas Delerive, que se conserva no Museu de Arte Antiga. Em 1823 passou para o Campo de Santana, andando até 1882 entre os dois sítios. Nessa altura tinha outro polo, mais versado em trastes velhos, que se realizava em São Bento, junto às Cortes. Finalmente, fixou-se no Campo de Santa Clara.

A origem do seu nome não reúne consenso, acreditando outros autores que se deve fazer uma leitura literal do seu nome, por aí se negociarem, logo nas primeiras horas da madrugada – quando começa a feira –, coisas subtraídas a alheios.